

### 3

## Existência humana como transcendência

### Introdução

Depois da noção de ser humano na sua constituição como corpo-espírito e tendo visto a interação do mesmo com o contexto da modernidade, agora, faz-se importante, apresentar alguns atributos e valores referentes à pessoa humana que foram construídos durante longo período de sua história e, assim, passaram a ser constitutivos indispensáveis para se falar do ser humano como tal. Neste momento, buscaremos trabalhar a partir da antropologia de Pannenberg, algumas características que compõem a pessoa humana e os implicativos que elas têm em sua existência.

Em um primeiro momento, a pesquisa sinaliza para alguns elementos que fundamentam a cultura e a linguagem humana. Esses dados serão preparatórios para a posterior compreensão da dimensão religiosa na cultura. De forma específica, a investigação se preocupará também com a compreensão da liberdade para o indivíduo e a sua implicação no tomar consciência de si mesmo no que se refere ao sentido do ser pessoa humana. Na sistematização do tema da liberdade será indispensável ter presente os longos debates de Pannenberg com teóricos da modernidade. É partindo do itinerário feito por ele, que se fará possível chegar a uma síntese da abordagem epistemológica do conceito de liberdade realizada em sua antropologia. Já, o tema liberdade cristã, imprescindível nesse autor, será tratado na abordagem teológica que acontecerá posteriormente no decorrer do estudo.

Ainda nesse capítulo, será desenvolvida a temática da transcendência humana como experiência existencial filosófica, bem como as implicações de tal conceito na dimensão histórica e social do ser humano. A transcendência também se mostra de grande valia para entender a pessoa como ser espiritual, por isso é significativo situar tal conceito no contexto cristão.

### 3.1

#### A cultura como realidade que se transcende

Nesse tópico não avançaremos longamente na temática da cultura, mas somente apresentaremos de forma breve alguns elementos que caracterizam a vida cultural do ser humano. A noção de cultura será extremamente importante para depois aprofundarmos a abordagem antropológica e a problemática da história da revelação. É no solo da história humana, portanto na cultura, que Deus se revela ao ser humano conforme a teologia de Pannenberg. Fica claro que o tema da cultura faz-se muito significativo na sua teologia<sup>1</sup>.

De início, já se pode afirmar que a abertura ao mundo distingue o ser humano dos animais. O entorno caracteriza a sua alteridade. Ele converte a natureza bruta em cultura e substitui, no processar da história, criações culturais por outras<sup>2</sup>. Pode-se dizer que a linguagem e a razão expõem o sentido da realidade, marcando a peculiaridade biológica do ser humano, como também da cultura de um modo geral. Linguagem e razão orientam o ser humano a transcender o estado de natureza, logo elas estão em estreita ligação com a cultura no seu sentido mais profundo<sup>3</sup>, mostrando-se fundamentais para todos os domínios da vida cultural.

Pode-se afirmar que a vida em grupo ainda não caracteriza por si só um traço especificamente humano, pois outros animais também conseguem viver em grupo<sup>4</sup>. Então, o que há de específico no mundo humano quando se fala de vida em comum, é exatamente o conceito de cultura. O nosso teólogo mostra que parece errôneo definir a noção de cultura simplesmente como qualidade geral dos diversos fenômenos que se chamam culturais<sup>5</sup>. Dessa forma, mesmo considerando os hábitos, sistemas de aprendizagem e produtos tidos como culturais, cabe ainda

---

<sup>1</sup> PANNENBERG, W. (Hrsg.). Sind wir von Natur aus religiös? (Schriften der Katholischen Akademie in Bayern, Bd. 120) Düsseldorf: Patmos Verlag, p. 9 et. Seq. 1986. Ver a propósito as considerações que o autor apresenta a partir da página 12, considerações com as quais compartilho, pois elas caracterizam dados sólidos de fundamentação da cultura, relacionando-a com a dimensão religiosa do indivíduo.

<sup>2</sup> PANNENBERG, W. WM. p. 10, 1962.

<sup>3</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 330.

<sup>4</sup> Ibid., p. 305.

<sup>5</sup> Ibid., p. 306.

colocar uma questão decisiva sobre os fundamentos da cultura<sup>6</sup>. A cultura transcende a si mesma em um movimento espiritual, abrindo espaço para o dado religioso. A transcendência da cultura acontece quando o ser humano é capaz de participar de realidades que extrapolam o puro mundo físico, abrindo-se a um universo simbólico, de certa forma inexprimível. É no contexto de transcendência da cultura que o ser humano se identifica como ser espiritual e religioso. O dado de transcendência presente na cultura a capacita também para o poder de simbolizar.

Seguindo a intuição de Cassirer, Pannenberg considera importantes a história e a questão simbólica quando se fala de cultura. É o espaço em que a religião passa a ter o seu lugar na formação da cultura. Vale, portanto, mencionar o papel imprescindível da linguagem<sup>7</sup> na formação da cultura. Dessa forma, a linguagem, o mito, a arte e a religião constituem partes do universo simbólico do ser humano<sup>8</sup>. Ao indivíduo cabe ir contribuindo para atualização dos dados da cultura, mas mesmo assim, ele não tem um domínio completo do acontecer cultural, uma vez que as instituições já são dadas como valores de antepassados. É nesse contexto que se pode verificar a superioridade da sociedade sobre o indivíduo particular, como já pensava E. Durkheim.

O mito é possuidor de grande peso na formulação da temática cultural, pois ele é portador de uma racionalidade própria e fundamenta o sentido

---

<sup>6</sup> Esse aspecto se faz muito importante para Pannenberg, pois exatamente aí é posto o espaço para a sua antropologia formular a questão religiosa na cultura. Pannenberg mostra que Malinowski compreendeu o valor dos mitos para criar uma unidade na cultura em sua obra *Myth in Primitive Psychology*, 1926, mesmo que não se possa reduzir a unidade cultural ao mito religioso. Cf. PANNENBERG, W. ATP, p. 306.

<sup>7</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 341. Não tão explicitamente, mas de forma subliminar a problemática religiosa acompanha o pensamento de Pannenberg na temática da linguagem. Tal problemática envolve a questão da linguagem e diz respeito ao motivo de totalidade que o ser humano procura para si. Para o teólogo luterano esse motivo de totalidade, presente na linguagem é um dado que aparece não como traço defeituoso, como afirmava Piaget, mas caracteriza a dimensão religiosa da cultura do indivíduo. Esse traço pode atrofiar devido a uma educação religiosa inadequada. O problema de Piaget é exatamente se enclausurar de forma redutiva no espaço da cultura, se esquecendo que o ser humano transcende e, a própria cultura extrapola o espaço do determinado. Sobre a opinião de Piaget, ao nosso ver, o pensamento de Pannenberg parece muito mais convincente e aberto.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 307. Sobre o mito Pannenberg vai dizer em uma de suas obras tardias: “Dem Mythos dagegen geht es um die Begründung der Ordnung der Welt im ganzen oder in Teilaspekten”. Cf. PANNENBERG, W. *Beiträge zur Systematischen Theologie*, Band 1, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, p.189, 1999.

para a ordem social e cósmica. A cultura é assim, criada e criadora, ela possui uma força supraindividual que transcende o ser humano como indivíduo. O acervo histórico da cultura é chave para que o ser humano chegue à realidade<sup>9</sup>. O indivíduo chega à realidade, a lê e a interpreta. Dessa forma a experiência efetiva da realidade, feita na comunidade e nos confrontos com os dados passados, possibilita a atualização da cultura. É um contexto em que se pode falar de jogo cultural, funda-se o espaço onde os indivíduos fazem a interpretação do mundo comum e, ao mesmo tempo, constroem a sua identidade pessoal.

Na formação da cultura, o jogo<sup>10</sup> tem a função de representação cúlrica da ordem mítica, fundamentando a ordem do *cosmos* e a sociedade. Em tal contexto, o jogo não é uma mera distração caprichosa, mas representação de um mundo de sentido perfeito e acabado em si mesmo<sup>11</sup>. Partindo dessa compreensão, a representação contextualiza, a superação dos limites, males e sofrimentos presentes na natureza, fundando a ordem do mundo como pleno de sentido. Nesse cenário entra o papel das religiões na fundação da cultura, pois elas com seus ritos e representações conseguem elevar o ser humano a uma realidade transcendental e a sua excentricidade, termo tão caro na antropologia do nosso autor.

Por fim, cabe dizer que a criação da cultura tem como finalidade dominar a natureza, superando os limites que assolam a vida humana. O aspecto transcendental da cultura que abre espaço para o religioso não é diferente, ele tem como finalidade fazer a superação da contingência e da finitude humana, instalando a pessoa numa condição de imortalidade. A dimensão religiosa entra na cultura no momento em que o ser humano não mais se contenta com a sua vida meramente física e mortal. É o momento em que ele se vê como ser religioso e como ser espiritual, como alguém dotado de liberdade e de vontade, capacitado para se lançar livremente na busca de respostas mais profundas para a sua existência.

---

<sup>9</sup> PANNENBERG, W. ATP, p. 310.

<sup>10</sup> Como pensava Piaget, o jogo tem um papel simbólico na vida da criança, constituindo no desenvolvimento do aprendizado um momento indispensável, pois a mesma consegue simbolizar um objeto ausente, passo fundamental no processo de aprendizagem.

<sup>11</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 326.

### 3.2

#### **O indivíduo como liberdade e consciência**

Para refletir sobre o tema da presença de Deus na vida e na história do ser humano, faz-se indispensável considerar a compreensão do ser humano como liberdade, pois somente no espaço da liberdade a pessoa pode construir verdadeiramente a sua história, criando pela ação livre um espaço de verdadeira subjetividade<sup>12</sup>. É sobre os pilares da liberdade e da condição de pessoa que há possibilidade de se relacionar com o Absoluto e se colocar numa situação de abertura para Deus. Como primeiro momento, o estudo procura acompanhar Pannenberg no seu itinerário pelo tema da liberdade. Tal problemática se apresenta de forma correlata com as temáticas da consciência e da subjetividade.

Na trajetória da experiência existencial do ser humano, torna-se possível de compreender o profundo valor da liberdade humana e o esforço que o indivíduo sempre fez para preservar tal valor. A liberdade foi arduamente construída e conquistada no acontecer da história do ser humano. Os registros das origens da cultura revelam como se foi aprofundando o significado do termo liberdade na trajetória humana.

No contexto da modernidade, principalmente com as ciências humanas, filosofia, psicologia, teologia, entre outras, o princípio da liberdade cada vez mais foi se tornando centro das reflexões. Em uma cultura antropocêntrica, na qual o ser humano se fez centralidade, a liberdade se apresenta como imprescindível e necessária para definir a pessoa. O tema da liberdade atinge seu auge no efervescer das ideias iluministas da revolução francesa.

Pannenberg recorre ao pensamento de autores modernos para tratar da abordagem filosófica e teológica do tema liberdade. Ele observa que o ser humano é um ser que ao tomar consciência de si diante da realidade,

---

<sup>12</sup> McKenzie, David. Pannenberg on God and Freedom. In: *The Journal of Religion*, vol.60, nº. 3, 1960, p.310. Na página indicada o autor mostra que o pensamento de Pannenberg expõe a antinomia existente entre o conceito de liberdade e a noção teísta tradicional do cristianismo. Por isso deve-se considerar a crítica ateísta ao cristianismo e o mesmo se vê na obrigação de se reformular.

percebe-se livre em relação a tudo que o circunda<sup>13</sup>. Dessa forma, em todas as circunstâncias, o ser humano se vê em condições de dar uma resposta livre. Ele situa a liberdade no sentido mais profundo do qualificativo das ações da pessoa, igualando-a com a vida. É no exercício da liberdade que o indivíduo se eleva à condição de superar todas as condições e situações limitadoras que aparecem na sua trajetória. É pela atitude de autotranscendência e pela superação transformadora de condições que o ser humano constrói a si mesmo na cultura e na história<sup>14</sup>.

O autor apresenta os fundamentos da liberdade na antropologia filosófica e promove o diálogo com filósofos e teólogos clássicos e modernos<sup>15</sup>. A partir de Platão não há como considerar a liberdade separada da ideia de bem, pois esse princípio já é fonte de liberdade. O bem leva o ser humano a se harmonizar com sua autonomia<sup>16</sup>. Já Aristóteles, via a liberdade, primeiro como liberdade de escolha, capacidade totalmente formal entre alternativas de possibilidades: a pessoa pode escolher e decidir sem ter em consideração um conteúdo pré-oferecido<sup>17</sup>. Essa definição de

---

<sup>13</sup> Márcia C. de Sá Cavalcante em *Introdução à Essência da Liberdade Humana* de F. W. Shelling. Petrópolis: Vozes, p. 8, 1991. “O ser humano não pode ser herdado, nem vendido nem tampouco apresentado. O homem não pode ser propriedade de ninguém porque ele é e deve permanecer propriedade de si mesmo. Ele carrega no fundo de seu peito uma chama divina, a consciência moral, que o eleva sobre a animalidade, tornando –o cidadão de um mundo cujo primeiro parceiro é Deus. Essa consciência lhe possibilita querer isso ou não querer aquilo de maneira incondicional, livre e a partir de seu próprio movimento, sem nenhuma pressão exterior. Nesta afirmação de Shelling pode encontrar um elo antropológico que une diacronicamente com o pensamento de Pannenberg, pois este também busca situar o ser humano, bem como, a sua fundamentação antropológico- religiosa na experiência da liberdade humana”.

<sup>14</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 38 et. seq. A história, para o teólogo de Heidelberg, é um marco em sua trajetória acadêmica, pois não por acaso esse é chamado de teólogo da história. No seu livro *Offenbarung als Geschichte*, ele mostra que a história não é uma abordagem como pensava a fórmula idealista hegeliana, em que compreendia a história como revelação. Não é a história como tal que é revelação do Absoluto: a revelação acontece em fatos históricos, em fatos realizados por Deus na história, em fatos que manifestam o sentido da história e o destino do ser humano como realização.

<sup>15</sup> Ronald Preston nos faz lembrar que a liberdade, para Pannenberg, adquire a sua forma perfeita na noção de reino de Deus. É no horizonte dessa categoria que o ser humano pode encontrar a sua verdadeira liberdade. O mesmo autor também comenta que Pannenberg assume a força inevitável do relativismo moderno através do qual a tradição da lei natural foi derrubada. Cf. PRESTON, Ronald. *Recensão da obra Human Nature, Election and History*. By W. Pannenberg, Search Press, 1982. Theology, vol. 86, 1983, p. 74.

<sup>16</sup> PANNENBERG, W. *Die Freiheit eines Christenmenschen und das Problem der Wahlfreiheit*, In: N. Elsner/G.Luer (Hgg.): “sind eben alles Menschen”. *Verhalten zwischen Zwang, Freiheit und Verantwortung*, Göttingen, p.281, 2005. Esse texto já é uma produção tardia de Pannenberg e caracteriza uma síntese do tema liberdade.

<sup>17</sup> Cf. *Ibid.*, p. 281.

liberdade como autodeterminação e possibilidade de escolha diante de algo ainda se faz presente até os dias atuais. Não se pode negar que o imperativo categórico de Kant na sua obra “a fundamentação da metafísica dos costumes” ainda é muito portador do exposto em Aristóteles. Nesse sentido é que não há como negar a responsabilidade do ser humano nas suas escolhas e decisões, apesar de todas as dificuldades que acompanham o exercício do uso da liberdade<sup>18</sup>. A liberdade de escolha gera angústia.

Pannenberg Trata vários conceitos da antropologia teológica e um conceito aprofundado por ele é o de angústia<sup>19</sup>. Esse tema é longamente abordado nas filosofias de S. Kierkegaard e M. Heidegger. Ao ter como base tais autores, o teólogo luterano aprofunda o dilema existencial do humano na experiência da angústia e o apelo constante da liberdade como valor fundamental. Mesmo que a contingência da angústia assole a vontade humana, pelo exercício da própria liberdade, o ser humano consegue vislumbrar um horizonte mais além, que se instaura no seu infinito desejo. Assim sendo, a experiência humana se exercita para superar a angústia e atingir o infinito, no qual a consciência se eleva à realidade do espírito<sup>20</sup>. Paradoxalmente, tal consciência se depara com o limite árduo da finitude existencial e é no dilema da liberdade que se dá a experiência da angústia<sup>21</sup>. A angústia, ao mesmo tempo em que é

---

<sup>18</sup> Cf. Ibid., p. 282. Aqui se vê, porém, a contradição que acompanha como dificuldade o tema da liberdade no mundo da antropologia teológica. Ficando assim a pergunta: “Wie könnt Gott den Sünder strafen, wenn der sich nicht in freier Entscheidung von Gott abwenden würde?”. Claro, a resposta para essa pergunta é muito mais profunda, ela é desenvolvida no longo tratado teológico do pecado e da Graça.

<sup>19</sup> Angústia é um termo usado no pensamento de Kierkegaard para indicar a atitude do ser humano em face de sua situação no mundo. Assim, a angústia é parte essencial da espiritualidade própria da pessoa. Em Heidegger a angústia na pessoa é fruto de sua existência mortal. Ela é o conflito da existência humana diante da morte, ou seja, diante da finitude. Cf. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Verbetes: Angústia, São Paulo: Martins Fontes, p. 60, 1998.

<sup>20</sup> Como foi trabalhado antes, o conceito de espírito se faz indispensável para buscar entender o ser humano moderno. Vários estudos brindaram a modernidade abordando essa dimensão do ser humano. Entre outras, singulariza-se a Fenomenologia do Espírito de W.G. F. Hegel. Ele é um dos que aparece como uma referência determinante no tratamento filosófico de tal temática na modernidade.

<sup>21</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 92. Além de Kierkegaard e Heidegger, bastante citados por Pannenberg, outro autor que também trabalha arduamente o tema da angústia é Jean Paul Sartre, na sua obra “O Ser e o Nada”. Ele tematiza a angústia muito voltada para a crise da pessoa diante do nada e diante do engajamento, mesmo que a angústia leve tal pessoa a buscar alguma resposta para si diante do mundo. Talvez mais do que em Heidegger; Sartre se coloca numa situação



empecilho, é também propulsora da vontade de decisão que o ser humano elabora no contexto da própria existência e, por conseguinte, o ser humano busca, no em si de sua autoconsciência, uma resposta para o conflito existente entre sua finitude e o desejo profundo de infinito.

O tema da consciência<sup>22</sup> de culpa, que perpassa o desenvolver da ação do indivíduo no uso de sua liberdade, revela que o ser humano ainda não se parece idêntico à ideia que orienta o seu destino. Nesse sentido, a consciência de culpa é um momento marcante no processo de libertação do ser humano até si mesmo. A pessoa deve tomar consciência de seu destino, para assim, num ato de superação, ir se elevando além de si mesma. A vida humana caminha para a totalidade de sua existência, colocando-se em relação com o instante presente do eu e com o mistério que transcende tal presente. O presente é presente de uma história ainda inacabada na vida do indivíduo que está a caminho até seu destino pessoal.

Cabe afirmar que pessoa e liberdade se vinculam na medida em que a última representa o indivíduo na sua capacidade formal de ser humano. Capacidade dada a ele desde sempre como abertura ao mundo. A liberdade permite ao indivíduo ser ele mesmo. Pannenberg recorre à ideia de autonomia<sup>23</sup> para dizer que esta é expressão da própria identidade do eu. É no uso autônomo da liberdade que a pessoa alcança a plenitude do seu ser-para-si<sup>24</sup>.

O argumento de Pannenberg não dissocia a ideia de liberdade da de consciência, mas elas estão em constante diálogo e se situam no mesmo

---

bastante fatalista para o tema humano. Nesse sentido o caminho realizado por Pannenberg visa a elevar o ser humano como liberdade à liberdade plena, concretizada em Jesus Cristo, pela fé.

<sup>22</sup> O tema da consciência, amplamente discutido pelo teólogo alemão e também em toda filosofia moderna, indica que a alma tem uma relação consigo mesma, ou seja, uma relação intrínseca ao ser humano, interior ou espiritual, pela qual ele pode conhecer-se de modo imediato e privilegiado. O indivíduo, pela consciência, distingue-se dos objetos e dos outros.

<sup>23</sup> É um termo muito usado na Ética de Kant e que caracteriza a vontade pura enquanto ela apenas se determina em virtude de sua própria essência, quer dizer, unicamente pela forma universal da lei moral, com exclusão de todo motivo sensível. Cf. LANLANDE, André. Vocabulário Técnico e Crítico da filosofia. Verbetes: Autonomia. São Paulo: Martins Fontes, p. 115, 1996. Tal autonomia como liberdade pode ser definida para a filosofia como uma disposição da própria existência. Cf. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia e Filosofia. Brescia: Editrice Queriniana, 1999, p. 26. O original dessa obra foi publicado em 1996 em Göttingen pela Vandenhoeck & Ruprecht com o título *Theologie und Philosophie*. Ao voltar a citar a tradução em italiano, será usada a abreviação TF e o devido número de página. Para uma profunda leitura do tema liberdade e autonomia em Kant, cf. HERRERO, Francisco Javier. Religião e História em Kant. Loyola; São Paulo, 1991.

<sup>24</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 233.



espaço antropológico. É na liberdade presente na consciência do indivíduo, como conquista do pensamento antropológico moderno, que é desenvolvida a sua ideia de ser humano<sup>25</sup>. Em sua reflexão, ficam evidentes os valores antropológicos, históricos e culturais da filosofia moderna, cenário propício para a formulação de um princípio de liberdade que se instaura no lugar do agir racional da pessoa<sup>26</sup>. O autor em questão ainda se ocupa em mostrar que a metafísica moderna trabalha o princípio da autoconsciência como fundadora da consciência de todos os objetos. Tal compreensão não abre espaço para um uso da autoconsciência como superação da realidade finita dos objetos para se elevar até o transcendental. Pelo afirmado acima, estaria se falando de uma subjetividade humana reduzida, fadada ao mundo dos objetos.<sup>27</sup>

O indivíduo é marcado pela noção de liberdade e de subjetividade<sup>28</sup>. Dessa maneira ao se viver livre, assume o dever de aventurar a sua experiência existencial elevada ao extremo de tocar o próprio nada<sup>29</sup>. Essa liberdade elevada ao extremo no ser humano e, tão especial para ele mesmo, é o que na antropologia se caracteriza como abertura ao mundo<sup>30</sup>. Nessa mesma perspectiva, a ontologia diz que o princípio da liberdade humana pode ser afirmado na experiência de que não é a

<sup>25</sup> PANNENBERG, W. *Metaphysics & the Idea of God*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., p. 43, 1990. Na página citada, quando Pannenberg tenta mostrar a noção conceitual de indivíduo no contexto da modernidade ele diz: “individuals are persons not only as subjects of their actions but also as subjects of the contents of self-consciousnesses”. E somente um sujeito pode fazer a experiência dos objetos. Ao citar novamente a obra *Metaphysics & the Idea of God*, será usada a abreviação MIG e o devido número de página.

<sup>26</sup> Na terceira seção da obra fundamentação da metafísica dos costumes Kant mostra a relação entre liberdade e razão. Ele diz; “Como ser racional e, portanto, pertencente ao mundo inteligível, o homem não pode pensar nunca a causalidade da sua própria vontade senão sob a ideia da liberdade”. Cf. KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, p.102, 1997.

<sup>27</sup> PANNENBERG, W. Op. cit. p. 46 et seq.

<sup>28</sup> PANNENBERG, W. *Gottesgedanke und menschliche Freiheit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, p. 44, 1972. Essa obra expõe a noção de liberdade e o fundamento transcendental da mesma. A liberdade na compreensão de Pannenberg sustenta-se em um fundamento não criado pelo ser humano. Ela é um dado transcendental, como também pensava K. Rahner. Rahner chega a perguntar porque o contexto transcendental da liberdade não é apenas a condição de sua possibilidade, mas também o seu próprio objeto (Cf. RAHNER, K. *Teologia da Liberdade*, São Paulo: Paulinas, p. 90. (sem data). Para a antropologia de ambos o seu fundamento é Deus. A plena liberdade se dá em Jesus Cristo como será tratado posteriormente.

<sup>29</sup> PANNENBERG, W. ST2. p. 282.

<sup>30</sup> PANNENBERG, W. WM. p. 12. Pannenberg recorre ao pensador H. Plessner que elabora a sua antropologia numa perspectiva de excentricidade, em que o ser humano aparece como um ser aberto e, em tal abertura, ele rompe com seu mundo natural, transcendendo-o através da excentricidade e da autoconsciência. Nesse processo o indivíduo consegue construir a sua própria identidade.

liberdade que pertence ao ser humano, mas ele que pertence à liberdade<sup>31</sup>. O tema liberdade não deixa de significar conceito e princípio necessários da existência, absolutizado no lugar teórico da racionalidade, mas é também experiência e aplicabilidade sensível que se pode experimentar no mundo da vida<sup>32</sup>.

No despontar da modernidade, a busca da liberdade se fez tão cara ao ser humano que muitos acabaram se perdendo no caminho subjetivo, idealizado pelo desejo tão profundo da mesma. Então o que seria somente meio ou ponto de passagem para chegar ao desejado, objetivou-se como fim em si mesmo, ou pior, como obstáculo para a vivência do que era buscado e desejado - a verdadeira liberdade<sup>33</sup>.

Pannenberg, na mesma perspectiva kantiana, lembra que a liberdade é uma necessidade universal instaurada no espaço da lei moral e que se lança no horizonte do mundo da vida, fazendo parte da vontade e do agir do ser humano. Nesse contexto, a liberdade se abre para um horizonte maior que ela mesma. Ela projeta o humano para um além, um algo mais, facilitando a realização da vontade humana no sentido mais profundo do seu existir.<sup>34</sup> Em Pannenberg, a realização de tal vontade só

<sup>31</sup> O teólogo em questão mostra a compreensão de liberdade caracterizada pela ideia de que ela não é somente dom humano, mas é apresentada também como relação, abertura e graça. Ele afirma em seu artigo: *Fundamentação Cristológica de Uma Antropologia Cristã*, (Concilium de 1973/6 n.º. X, p.742 e743) que a hipótese da existência prévia da identidade do sujeito e, com isso, também da sua liberdade frente ao processo concreto da sua experiência é sempre, contudo, menos aceita, mas continua-se a falar de autodeterminação, auto-realização e autodesenvolvimento, etc. Desse modo inclui a identidade do sujeito como um pressuposto como também a sua liberdade.

<sup>32</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 151 et. seq. Faz-se importante lembrar a amplitude e profundidade do tema liberdade para o autor luterano. Não há como desenvolver mais amplamente outros temas relacionados com a liberdade, pois isso já fugiria do caminho proposto nesse trabalho. Por tal razão a pesquisa apenas se preocupou em refletir a liberdade subjetiva do indivíduo, tentando relacioná-la com a consciência. Para melhor aprofundamento do tema liberdade como formulação conceitual e de sua dimensão antropológica, vale consultar a célebre obra de F. W. Schelling. *A Essência da Liberdade Humana – (Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas) – trad. e introdução: Márcia C. de Sá Cavalcante – Petrópolis: Vozes, 1999.* Para ver o texto da obra de F. W. Schelling no original consultar a página da internet:

[http://www.hs-ugsburg.de/~harsch/germanica/Chronologie/19Jh/Schelling/sch\\_frei.html/](http://www.hs-ugsburg.de/~harsch/germanica/Chronologie/19Jh/Schelling/sch_frei.html/). Acesso 06 set. 2011. Já para tratar sobre o homem e sua abertura ao outro vale recorrer à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Principalmente o tema da dialética do senhor e do escravo e da liberdade da consciência -de-sí. Cf. G. W. F. Hegel. *Fenomenologia do Espírito – parte I*, trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, p.119ss.

<sup>33</sup> PANNENBERG, W. *BSTh2*, p. 147. Pannenberg diz “Hegel hat noch, dass die Freiheit des Menschen einer religiösen Basis bedarf. Freiheit erwächst nur aus der Teilhabe an der absoluten Wahrheit, aus der Verbundenheit eines Menschen mit dem göttlichen Geheimnis seines Lebens”.

<sup>34</sup> HERRERO, Francisco Javier. *Religião e História em Kant*. Trad. José Ceschin, São Paulo: Loyola, 1991, p.22s. Nesta obra o autor mostra com a profundidade própria do pensamento

é possível acontecer quando o ser humano se coloca como liberdade, na condição de abertura para Deus. A plena liberdade da pessoa se dá na experiência da verdadeira libertação que acontece em Jesus Cristo, como será visto com o avançar da pesquisa.

Finalmente, resta afirmar que a liberdade e a noção de consciência são dados indispensáveis para compreender o pensamento de Pannenberg. Para ele liberdade e consciência são elementos constitutivos da existência humana e dados fundamentais para se falar da pessoa como ser religioso. Não teria como considerar a dimensão religiosa do ser humano e sua relação com Deus se retirarmos dele o verdadeiro sentido da liberdade cristã tão valorizada na elaboração da teologia. Liberdade e consciência são dados antropológicos que integram a dimensão espiritual do ser humano. Tais atributos colocam o indivíduo na condição de transcendência e de abertura para o mundo e para Deus. De acordo com o autor, na mesma condição da liberdade, a transcendência também concorre para afirmar o dado religioso da natureza humana, como será exposto nos itens seguintes.

### 3.3

#### **A pessoa humana como ser transcendente**

O estudo da dimensão transcendental do ser humano marcou o decorrer da história da filosofia e da teologia do ocidente. O transcendente no ser humano caracteriza-se por uma trajetória, que se inicia desde o alvorecer do conhecimento sobre a existência humana até as buscas mais profundas do sentido da existência no mundo. As perguntas transcendentais tentam formular, dentro ou fora razão, respostas que dão fundamentos para o desejo de superação da pessoa, construindo assim, no chão da existência finita, formulações explicativas para seu desejo de

---

kantiano o desenvolver da liberdade humana e suas implicações antropológicas e religiosas; Para Kant, conforme é possível perceber no autor aqui citado, a vontade livre e autônoma é que permite ao ser humano dar uma resposta dentro da necessidade imperativa da moral, a Deus. Tal resposta traz implícita a ideia da religião fundamentada nos valores morais. A presente reflexão vai de encontro á problemática trabalhada por Pannenberg no que se refere à liberdade da pessoa e suas implicações na antropologia teológica, porém, para este último, o fundamento tanto da liberdade quanto da Religião são constitutivos naturais do ser humano e se explicitam na sua atitude de abertura e de excentricidade.

infinito. O ser humano não se contenta com o limite do tempo, do espaço e do puramente empírico; ele sempre deseja se lançar para além de tudo isso que acontece no solo da pura realidade física. Dessa forma, o transcendente é a dimensão humana que coloca numa eterna busca e a projeta na sua dimensão espiritual e divina.

Desde Platão a cultura ocidental busca na formulação de si mesma seu auto-conhecimento, nos outros seres e na desenfreada procura do ser absoluto como totalidade. Aristóteles já a definia no seu tratado da metafísica como a “ciência primeira no sentido de fornecer a todas as outras o fundamento comum, ou seja, o objeto a que todas elas se referem e os princípios dos quais todas dependem”. Na trajetória da metafísica, há perguntas que fundamentam o seu percurso, tais perguntas perfazem toda história do pensamento ocidental desde Sócrates, Platão, Aristóteles ou Kant. O ser humano busca na sua experiência de vida racional conhecer a si mesmo e o mundo que o envolve. A metafísica aparece como a busca de respostas para os anseios mais profundos do ser humano. A pessoa se esforça para compreender a si mesma e o mundo que a rodeia. A metafísica é que lança o ser humano para mais além. A busca da *arché* do *kosmos* e, do sentido do mundo, na tentativa aristotélica de uma ordem perfeita, sustenta o sentido de uma interminável busca que a pessoa empreende de si mesma. O surgimento das ciências da razão, sobretudo da metafísica, é um marco decisivo na história dessa jornada humana e, é inegável, representa um marco histórico na cultura e na antropologia do ocidente.

Não há como negar que é no solo da metafísica onde o ser humano se prepara para ser elevado aos sucessivos graus de transcendência. A pessoa, não se conforma ao acaso da repetição indiferente da vida em que a história é sentida como a limitação, a contingência que marca o destino humano; busca pela via da razão (*logos*) um rompimento de tal círculo, adentrando no mundo para além da história no seu sentido natural e físico. Pela reflexão, adentrando nas ciências da razão, a pessoa inicia seu caminho rumo à transcendência.

A transcendência designa a forma de uma relação, em que o sujeito como reflexão, pensado na dinâmica da “sua auto-afirmação – ou da construção

dialética da resposta à interrogação sobre seu próprio ser – é uma realidade da qual ele se distingue ou que está para além (trans) da realidade que lhe é imediatamente acessível”<sup>35</sup>. É em um contexto de excesso ontológico, pelo qual a pessoa se eleva além do mundo e da história indo além do ser - no - mundo e buscando o fundamento último para o eu<sup>36</sup>. A afirmação de Anselmo *credo ut intellegam* responde aos anseios da razão e do desejo de transcendência humana, uma vez que a razão sozinha se faz insuficiente no desejo profundo do ser humano de transcendência. Nesse sentido, a resposta definitiva para o sentido último da vida humana não está ancorada na transcendência como reflexão filosófica. Mesmo usando os meios do conhecimento, há um momento em que a razão adentra no universo do mistério e da experiência de fé. Este é o lugar da teologia.

Pannenberg, como filósofo e teólogo inserido no pensamento moderno, não ignora a dimensão transcendental do ser humano. Seguindo elementos do sujeito transcendental de Kant e dados da filosofia existencialista de Heidegger e de outros pensadores, ele, como teólogo cristão, mostra que a plena transcendência humana se dá na Encarnação de Jesus na história.

Neste momento, a abordagem se ocupará em elencar alguns elementos que apontam para o ser humano como ser transcendente na sua experiência de vida, através da relação com o mundo e em seu eterno desejo de algo mais. A pessoa, marcada pela contínua abertura, deseja algo que está além da própria existência imediata, abre-se ao outro, constrói história e lança-se para além dos fatos históricos particulares. O ser humano, na sua atitude de transcendência, busca o Absoluto, o indeterminado, o fim último da história. Entretanto, antes de tratar o tema

---

<sup>35</sup> HENRIQUE, C. L. Vaz. *Antropologia Filosófica II*, p. 93 et. seq. São Paulo: Loyola, 1992.

<sup>36</sup> O excesso ontológico, para Pannenberg, como traço da transcendência humana longamente trabalhado no percurso da filosofia ocidental, se caracteriza de forma teológica já mesmo no ato criador de Deus. Ao criar o ser humano a sua imagem e semelhança – e insuflar nele o seu espírito, já está impresso na criatura humana o seu destino de abertura e transcendência. Sobre tal abordagem conferir do autor em questão o capítulo II que trata da abertura ao mundo e imagem de Deus na obra *Anthropologie in theologischer Perspektive*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983. Também o capítulo oitavo de *Teologia Sistemática*, vol. II.

da transcendência em relação à história, faz-se importante abordá-lo como superação humana.

### 3.3.1

#### **A transcendência como poder de superação do ser humano**

Já no início do seu tratado antropológico Pannenberg expõe como elemento essencial de sua antropologia a capacidade humana de superação de si mesma. O ser humano no conjunto das espécies deve superar a fragilidade que o marca desde o seu princípio. Essa capacidade de superação, que se faz presente no ser humano é o que o coloca numa condição de distinção no mundo e o situa em um lugar específico na história da criação. A transcendência constitui assim, um dado essencial no ser humano e concorre para libertá-lo das marcas de deficiências biológicas e do desamparo, que se encontram presentes nele desde sua infância. O indivíduo transcende a fragilidade de sua espécie exatamente no momento em que não se contenta com a repetição de esquemas inatos e supera o seu entorno, gerando o que Pannenberg define como instabilidade natural<sup>37</sup>. Tal instabilidade propicia à pessoa o início de uma relação com o mundo que será sempre marcada pela busca de algo que, como já dito, está além dela mesma como criatura limitada e finita. Adentrando num caminho de constante transcendência na sua relação com o mundo e com os objetos, o ser humano continua perseguindo uma realização que nunca se plenifica na experiência de mundo. Desse modo, ele se coloca na situação de eterno andarilho<sup>38</sup> que sempre almeja algo mais.

---

<sup>37</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 30 et. seq. Instabilidade natural, consiste precisamente, como definição, no rompimento que o ser humano faz com o mundo dos instintos, e assumindo para si, um lugar especial no reino animal. Com outras palavras, há um momento em que o ser humano não se contenta mais com o seu entorno e surge nele um apelo interior que vai mais além dos instintos. Ele se verifica numa situação de não conformidade com o meio. Nesse momento, ele rompe com o meio, rompendo assim com sua natureza imediata (primeira natureza), instalando-se no espaço da cultura (segunda natureza). Pannenberg indica que, nesse ínterim, é que o homem se faz distinto de todas as outras espécies animais.

<sup>38</sup> O termo aqui usado pode nos remeter à obra de Friedrich Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, em que ele representa no ser humano a atitude de um eterno andarilho como quem está sempre em busca de algo: “Segue o teu caminho de grandeza: aqui ninguém há de ir em teu seguimento”. O andarilho que sobe às montanhas e sempre perambula em busca de si mesmo pode representar de

A pessoa humana, situada no mundo, procura na transcendência alternativas para superar os seus limites, elevando-se por ela ao mais alto de seus desejos. Para Pannenberg, o ápice do elevar humano na sua busca se dá na sua condição natural de abertura ao mundo e, sobretudo, ao sagrado como destino de plena realização. Abrindo-se ao mundo, como experiência e como superação de si mesmo enquanto instinto, o indivíduo realiza a sua autoobjetivação<sup>39</sup> e toma consciência de si, distanciando-se da realidade que o circunda. Pela linguagem e pela técnica, bem como pela cultura, ele elabora uma resposta de transcendência para os inconvenientes existenciais que o acompanham no seu existir no mundo<sup>40</sup>. Ao superar os primitivismos orgânicos e os instintos de sua natureza, ele se direciona ao que é propriamente humano projetando-se como excentricidade.

A abertura ao mundo só se torna possível graças à categoria de espírito, pois é por sua força dinamizadora que o ser humano toma consciência de seu ser pessoa e da sua relação de abertura ao mundo<sup>41</sup>. Mesmo quando ele transcende toda experiência ou representação de objetos perceptíveis, sua vida ainda permanece aberta a algo que está além. A

---

forma categórica o contínuo transcender humano no que se refere ao si mesmo e em relação ao mundo. Como andarilho, angustiado diante de sua existência, o ser humano se vê obrigado a construir algo novo no solo de sua contingência e de sua finitude. Se na tradição cristã, apresentada por Pannenberg, esta construção se dá na abertura para Deus e para o Absoluto, através do dado antropológico constitutivo do humano, em Nietzsche ela se mostra ofuscada pela figura do Super-homem.

<sup>39</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 34. Conforme está na antropologia de Pannenberg, esse conceito se assemelha ao de autoconsciência, pois se trata da distância que o indivíduo toma da realidade sendo capaz de objetivá-la, inclusive no que se refere a si mesmo.

<sup>40</sup> Cf. Ibid., p. 36 et. seq.

<sup>41</sup> Na antropologia de Pannenberg, a abertura do ser humano ao mundo é pressuposto indispensável para a sua experiência religiosa, uma vez que Deus é algo que já é experimentado na história humana – é nela que Ele se revela. Com isso, a religião não se agrega secundariamente ao comportamento aberto ao mundo, mas acontece justamente no mesmo instante e o ser humano se afirma na sua abertura ou como um sem centro mais além, fora do mundo. Na visão radical de Hubert Lepargneur, Pannenberg se mostra alheio a toda mística e exacerba a antropologização da religião. Cf. LEPARGNEUR, Hubert. Recensão da obra Teologia e Filosofia. By Wolfhart Pannenberg. Queriniana: Brescia, 1999. REB, 60, nº 240, 2000, p.1006. Entretanto se formos considerar a afirmação do próprio Pannenberg, ele não se mostra tão alheio como afirma Lepargneur, diz Pannenberg de sua experiência: “Eu não sabia, à época, que 6 de janeiro era o Dia da Epifania, assim como não me dei conta de que naquele momento Jesus Cristo havia reivindicado a minha vida como uma testemunha da transfiguração deste mundo, iluminado pelo poder e julgado por sua glória. Mas aí começou um período de ânsia para entender o sentido da vida, e, uma vez que a filosofia não parecia oferecer respostas para o final dessa busca, eu finalmente decidí provar a tradição cristã mais seriamente do que eu havia considerado antes.” Cf. PANNENBERG, Wolfhart. God’s Presence in History. In: Christian Century, Março, 1981, p. 260.



abertura a uma alteridade que se encontra para fora dele e fora de todos os objetos do mundo constitui a presença de um desejo que se instaura em algo maior: o incondicionado, o infinito. Nessa busca contínua, ele vai superando todos os finitos e elevando-se à ideia de infinito enquanto conceito e desejo<sup>42</sup>.

Na existência humana, a incompletude é um marco em seu caminho inacabado, Pannenberg expõe que, diante de tal realidade, a pessoa vive uma atitude de ilimitada abertura ao mundo<sup>43</sup>, condição que possibilita a ela superar cotidianamente a sua finitude e os condicionamentos que marcam o decorrer de sua vida. O movimento transcendente do ser humano coloca-o rumo ao seu verdadeiro destino, que se realiza quando o sujeito supera a natureza e se instala num novo lugar existencial<sup>44</sup>. Assim posto, a transcendência na sua compreensão mais pontual não se dá na direção dos dados empíricos, mas na busca de unidade com o Absoluto, ou seja, com o divino<sup>45</sup>. A existência, imanente no mundo e marcada pela autoconsciência bem como pela relação com os outros, ainda não se constitui como realidade completa. Diante de tal circunstância, o ser humano se abre para algo mais além, isto é, para o infinito. Nesse processo, o eu como pessoa, define-se como sujeito

---

<sup>42</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 77. No dilema humano, a pessoa carrega consigo um conflito contínuo entre o desejo de infinito e a experiência existencial da finitude. Na trajetória da cultura, verifica-se uma contínua luta entre o mundo do desejo e a experiência da realidade; assim, essa intolerável contradição tempo e eternidade, que marca o mais profundo paradoxo da aspiração do ser, busca de todas as formas no decorrer da transcendência da história, ser resolvida. Na razão filosófica, a ontologia procura explicar o rumo do ser humano para o ser perfeito, o ser para a imortalidade, mas é no conceito de pessoa, de linhagem teológica e ligando a ele o predicado de *perfectissimum in tota natura*, que na antropologia teológica é resgatada, ante o escândalo da morte, pela fé na absorção do ser-para-a -morte da temporalidade humana na vitória divino-humana de Jesus na sua ressurreição. Em Jesus a eternidade se faz tempo para o tempo entrar na eternidade. Cf. HENRIQUE, C. L. Vaz. *Antropologia Filosófica II*, São Paulo: Loyola, 1992, p. 228 et seq. O tema da plenitude humana voltará de uma outra forma quando for tratada a escatologia de Pannenberg.

<sup>43</sup> Cf. *Ibid.*, p. 77. Embora a razão busque uma resposta universal para as questões mais inquietantes da vida humana, a pessoa se vê impulsionada na sua subjetividade a procurar respostas que se fundamentam na vivência da fé e da religiosidade. Pannenberg diz “La soggettività diventa il rifugio della religione e della fede” Cf. PANNENBERG, W. TF. p. 24.

<sup>44</sup> Cf. *Ibid.*, p. 109.

<sup>45</sup> Fica evidente que a unidade com o divino supõe de antemão a unidade da pessoa com ela mesma. A consciência de unidade do eu é mediada através da experiência de mundo, na medida em que tal experiência permite o eu receber conhecimento de seu próprio corpo como existência situada no contexto do mundo, onde a pessoa constrói o próprio ser social e espiritual de si. Cf. PANNENBERG, W. MIG, p. 53.

consciente, que deseja o Absoluto e abre-se a ele<sup>46</sup>. O ato de transcender-se, por um lado, é um buscar algo fora da realidade humana. Ele é também um movimento em que a pessoa toma consciência de si mesma, um voltar para dentro, em que o indivíduo vai descobrindo a sua identidade e, nessa descoberta, ele verifica o seu potencial de abertura para a sociedade. Ele se instala numa esfera social dialogante e estruturada, abrindo-se à totalidade. Nesse processo, a pessoa como unidade assim como totalidade vai sendo construída no decorrer de sua vida, não estando pronta num determinado dado específico da história humana<sup>47</sup>. A totalidade da existência humana como realização, é exposta pela antropologia teológica como superação da vida terrena elevando-se até Deus. É no encontro definitivo com Deus, no fim da história, que o ser humano participa da bem - aventura eterna e realiza-se de forma plena<sup>48</sup>.

A antropologia pannenberguiana revela uma concepção de transcendência que é, sem maior dificuldade, percebida na pessoa como um dado experimentado na consciência subjetiva. É o indivíduo, como pessoa que ao dar conta de si mesmo, pela linguagem e pela razão, quem formula na cultura a superação dos seus limites, transcendendo o mundo e a natureza. Pelo simbólico, na cultura, a pessoa ultrapassa a linha que limita a sua existência, adentrando uma realidade mais que humana<sup>49</sup>. É essa ideia de superação da realidade como tal que se torna

---

<sup>46</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 204. Para M. Heidegger a definição da metafísica se dá nos fundamentos da lógica, nesse sentido ele segue o caminho de F. Nietzsche que também nega a metafísica como conhecimento. Heidegger busca o fundamento da resposta para as questões do Ser, isso fica evidente em seu artigo *Identität und Differenz*. A resposta para a questão do ser é que não concilia com o argumento pannenberguiano, pois o primeiro acha uma resposta para a problemática do ser no destino fatal da morte e não na busca dos Ser infinito. Cf. PANNENBERG, W. MIG, p. 8s.

<sup>47</sup> Cf. *Ibid.*, p. 230.

<sup>48</sup> A comunidade dos bem-aventurados, conforme se lê em alguns textos apocalípticos indica um estado beatífico de vida, em que o ser humano alcança pela graça divina o dom de participar desse novo estado de vida. Essa experiência esperada pela comunidade de fé representa para os cristãos o ponto máximo da esperança escatológica; o cumprimento mais profundo do desejo humano de contemplar a Deus e participar de sua eternidade. Nessa experiência de contemplação de Deus como experiência mística, pode se afirmar como o mais alto grau da transcendência humana compreendida pela via cristã. O tema do fim da história, que será abordado no fim de nosso trabalho, em Pannenberg, é profundamente desenvolvido em sua *Systematische Theologie*, Band 3 e nas obras *Grundfragen systematischer Theologie*, Band 1 e 2, sobretudo nos artigos: *Eschatologie und Sinnerfarung* e *Der Gott der Geschichte* Band 2 e, *Heilsgeschehen und Geschichte*, Band 1.

<sup>49</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 331 et. seq.

possível compreender na antropologia aqui estudada a dimensão de história. Na história, o ser humano participa de seu evoluir como espírito, transcendendo-a, e no processar dos fatos a pessoa avança até a plenitude da história e tal plenitude, para o teólogo luterano, dá-se em Deus como realização plena da pessoa. É nessa perspectiva que podemos relacionar o tema da transcendência humana com a história na teologia de Pannenberg.

### 3.3.2

#### Transcendência humana e história

Depois de termos visto a temática da transcendência humana em nosso teólogo e a confirmação dela como um dado que acontece na consciência e na subjetividade da pessoa, agora é importante mostrar o movimento de expansão do eu para fora de si como ato de superação. Com tal ato a pessoa se coloca numa condição de abertura ao outro, ao mundo e também a Deus. Já que a abertura do ser humano e o seu expandir como transcendência se dão na história, agora, faz-se necessário, expor a relação entre transcendência humana e história.

Pode-se dizer que a criação da cultura é o testemunho mais eminente do dado transcendental do indivíduo, como também o é a sua abertura à sociedade e à história no processar da vida e dos fatos. O que foi dito caracteriza a força do espírito humano em que a pessoa adquire uma dinâmica propulsora da superação do seu eu diante de si mesmo e o eleva à condição de participante e membro de uma sociedade e de uma cultura. A cultura é a autoconstrução do eu como sujeito diante da realidade.

É pela consciência de historicidade<sup>50</sup> que o ser humano elabora a possibilidade de perceber a dinâmica da realidade, ou seja, o contínuo processar da história. É nas estruturas das relações sociais, bem como entre os indivíduos e ainda nas constantes mudanças; é no contínuo

---

<sup>50</sup> Em alemão o conceito de geschichtliche vem de geschehen, Geschichte indica o processar da história no seu próprio acontecer histórico, tal conceito diferencia-se de Historie que indica o dado objetivo da historia

caminhar, que todas as coisas se sucedem ou se fazem suceder, aí é o lugar onde se constitui a verdadeira realidade de cada pessoa humana. Todos os incidentes parciais de uma vida recebem seu sentido e adquirem transcendência do lugar que ocupam no conjunto da história em geral<sup>51</sup>. É no contínuo caminhar da história, como dinâmica dos fatos, que o ser humano evolui na sua existência e a própria história favorece a ele o constante transcender das situações provisórias do seu percurso, para atingir a meta final de seu caminho. A história é marcada pela temporalidade e por contínua superação da mesma, portanto, a vida humana está posta num eterno devir, transcendendo a história, que, por sua vez, conduz o indivíduo a sua transcendência pessoal<sup>52</sup>.

A história somente evolui pela ação dos indivíduos, sendo que os desejos da pessoa assumem como história uma construção dentro da comunidade humana; e o mundo comum de cada indivíduo é superado, abrindo na sociedade o espaço para a universalidade. Pannenberg prossegue seu pensamento mostrando na vontade de universal a explicação do dado antropológico religioso, que sempre marcou presença na história das culturas. É um dado que tem a força de projetar o ser humano ao infinito de sua insaciabilidade e abrir a ele o horizonte da totalidade, do universal<sup>53</sup>. O indivíduo, como excentricidade transcendente, busca o que é constitutivo de sua história como ser

---

<sup>51</sup> PANNENBERG, W. WM. p. 96 et. seq.

<sup>52</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 472 et. seq. A experiência religiosa ou consciência religiosa expressamente tematizada oferece a experiência do sentido de totalidade, alcançando o mais profundo do ser. Nesta temática conferir também: PANNENBERG, Wolfhart. Grundfragen Systematischer Theologie. Band 2, Tübingen: Vandenhoeck & Ruprecht in Göttingen, 1980, p.76

<sup>53</sup> Quando se acompanha o caminho da história feito por alguns autores modernos e o destino para o qual ela se dirige como fim, é possível deparar com uma compreensão de história que se sustenta fortemente nos fundamentos da razão. Isso aparece muito evidente no pensamento de I. Kant, quando a história vai ter sua conclusão no universo da razão prática ou na natureza. Em ambos pólos a história tem seu telos sustentado na razão. Também Hegel na Enciclopédia das Ciências Filosóficas ou Fenomenologia do Espírito aponta para uma conclusão universal da história no movimento do espírito como libertação do em - si que se eleva à consciência-de-si, revelando a própria essência do ser. A história parece bastar-se em si mesma e a encarregada final de elevar o espírito à exterioridade universal da história é também a razão. A história pressupõe um fim em si mesma – o que parece ser a grande crítica apresentada ao pensamento moderno por Pannenberg, em sua antropologia teológica – uma vez que para a teologia cristã o espírito da história não se eleva à sua plenitude por si mesmo, mas ele carece de algo mais, e este algo mais é dom gratuito de Deus que é oferecido ao ser na história, através da encarnação do Filho e da realização de sua missão de implantação do reino de Deus. Os 3 últimos capítulos da Systematische Theologie Band 3 trazem de forma extensa a questão da realização do reino e da justificação do ser humano por Deus na ação do Espírito.

humano, mas ao mesmo tempo é trans-histórico, pois o seu desejo supera o mundo previsível do empírico, abrindo para algo que não situa no puro racional.

Para o teólogo alemão o processo histórico não está concluído, como pode desejar a própria história ou a filosofia quando desenvolvem uma pretensão de abarcar a totalidade da realidade humana, posto que isso é algo vedado à própria história como tal<sup>54</sup>. O alcance da totalidade histórica se faz impossível na própria dinâmica da historicidade. Desde os tempos das civilizações egípcias ou gregas, as pessoas almejam em suas experiências, alcançar a totalidade quando buscaram superar o limite factual da existência, como subjetividade situada e contingente; porém isso nunca foi possível. Essa ânsia ficou muito evidente na elaboração dos mitos e na criação de divindades, como caminho substancial para satisfazer o impulso insaciável do ser humano de reter na própria experiência a totalidade da história. Pode-se dizer que a experiência religiosa tem a finalidade de acompanhar a evolução da história, propiciando o superar da fatalidade existencial e constituindo, assim, uma unidade espiritual no seu acontecer.

É possível concluir com a afirmação de que o maior sinal de transcendência do ser humano na história e da própria história, para Pannenberg, é a dimensão religiosa, já que está elaborada de forma mais diversa nas culturas. No cristianismo, tal elaboração se dá de modo lapidar no evento da encarnação do Filho. Com a história de Jesus, a eternidade entra no tempo para fazer com que o tempo transcenda e atinja o infinito. O cristianismo apresenta a transcendência, não como puro fruto do espírito da história, mas, sobretudo, como Graça. Por ela, Deus vem até os seres humanos e, por um gesto inexplicável de amor, eleva-os e a história à condição de divina. O que a razão no seu penoso caminho do conceito busca alcançar em fragmentos, o dom transformador da Graça oferece à pessoa em plenitude. O tema da transcendência vai atingir amplo alcance na teologia cristã, por isso, faz-se necessário,

---

<sup>54</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 473.

mesmo que brevemente, acenar para essa experiência na história do cristianismo.

### 3.3.3

#### **Transcendência e história no cristianismo**

Finalizando a abordagem do ser humano na perspectiva da transcendência e da história, é importante apresentar alguns elementos dessa temática dentro do horizonte cristão, lugar em que a história humana é transformada através da história da salvação. O mistério da encarnação é para os cristãos o grande marco transformador da história, e o desejo do reino de Deus passa a ser uma constante no caminho histórico da humanidade como transcendência.

A história, nos moldes cristãos, não é somente história humana, ela é também história da salvação humana, que se realiza no gesto gratuito do amor de Deus<sup>55</sup>. É Deus que se coloca a disposição para nos salvar. Assim, a história humana é marcada pela força transformadora da Graça, proporcionando ao ser humano uma história de salvação. É conciliando a dimensão cristã com o dado natural de transcendência presente na subjetividade humana, que se pode falar de um coeficiente transcendental na história cristã.

O cristianismo primitivo afirmava a tese de que o ser humano só ascende a seu autêntico destino na história de Jesus, se estiver em comunhão com Ele<sup>56</sup>. Nessa concepção o acontecimento Jesus Cristo possui validade salvífica universal para o ser humano<sup>57</sup>. Tal entendimento encontra na pessoa de Jesus Cristo a figura de um segundo Adão, que é o Adão

---

<sup>55</sup> Vai ao encontro do tema da história como salvação em Pannenberg a obra do teólogo Mario de França Miranda: *A Igreja numa Sociedade Fragmentada*, São Paulo: Loyola, 2006. O autor nos lembra, ao tratar da economia salvífica, que “a compreensão cristã de revelação afirma a iniciativa totalmente gratuita de Deus de vir ao nosso encontro para nos salvar. Esse gesto salvífico não é mera produção humana, pois nesse caso não teríamos propriamente revelação, mas provém do próprio Deus. Em outras palavras, é uma experiência religiosa determinada pelo próprio Deus. Isso significa que, na própria experiência, Deus mesmo condiciona sua inevitável interpretação, como componente intrínseca dela. Se Deus se revela na história e como história, a experiência (sempre interpretada) dos eventos históricos é capacitada pelo próprio Deus”. Cf. MIRANDA, Mário de França. *Igreja Numa Sociedade Fragmentada*. São Paulo: Loyola, p. 287, 2006.

<sup>56</sup> PANNENBERG, W. ATP. p. 482.

<sup>57</sup> O tema da validade universal da salvação cristã será trabalhado mais adiante quando for desenvolvida a problemática da história como lugar da revelação de Deus em Jesus Cristo.

celeste e dele o ser humano traz também a sua imagem (1Cor. 15,47-49)<sup>58</sup>. Com Jesus, surge um ser humano novo, renovado na ressurreição de Cristo, que transcende à sua condição de mortal e assume uma condição imortal<sup>59</sup>.

Se a filosofia debatia o lugar que a essência humana ou a natureza ocupava na pessoa humana pelo acontecer da história, a teologia cristã vai enxergar no ser humano, como perene marca de seu ser no mundo, a “*imago Dei*” que chega à plenitude com Jesus Cristo, pois é Ele quem revela ao ser humano o caminho de perfeição a ser seguido. Sendo assim, a compreensão cristã da pessoa humana como existência histórica, que acontece desde o primeiro Adão ao novo e último Adão, dissolve em historicidade o conceito filosófico de natureza essencial humana independente de tempo, ou melhor, o resolve no movimento concreto da história<sup>60</sup>. Na compreensão cristã de história, lembra Pannenberg, a natureza humana está à disposição de um complemento sobrenatural<sup>61</sup>. Inversamente à noção filosófica, que coloca a natureza como necessidade absoluta e como constitutiva de si mesma. A salvação, dentro da abordagem da antropologia teológica é o ato mais significativo da transcendência humana, em que o ser humano se eleva sobre a própria natureza e se abre à oferta gratuita de Deus. É pela força da Graça que a pessoa consegue se elevar ao mais alto grau de perfeição, chegando à semelhança de Jesus Cristo. Na história de Jesus de Nazaré o ser humano se supra-assume e livra-se de seus limites, atingindo o seu destino de imagem e semelhança com Deus. O estado de perfeição que a

<sup>58</sup>PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 482.

<sup>59</sup> Cf. Ibid., p. 484. Os tempos míticos e os tempos da filosofia grega parecem não ter conseguido uma proposta de superação definitiva para a contingência humana, buscaram respostas para os acontecimentos funcionais da vida, mas o dinamismo da história sempre continuou desafiando o ser humano. Com Jesus Cristo há uma inovação profunda, pois surge uma nova forma de vida para o ser humano. A pessoa restaura em si a ideia de imagem e semelhança com Deus, arranhada pelo pecado, assumindo, então, uma resposta de libertação plena e definitiva.

<sup>60</sup> Cf. Ibid., p.486. Pannenberg entra para a história da teologia conhecido como quem expõe um novo paradigma para abordar a revelação. Durante seu produzir teológico sempre teve presente o viés da história como abordagem. Pode ser considerado um marco no seu caminhar teológico, nessa direção, o seu estudo “Revelação como História” (*Offenbarung als Geschichte*), em que o autor mostra que é na história que Deus se revela aos seres humanos.

<sup>61</sup> Cf. Ibid. 486. O tema do sobrenatural é profundamente problemático para Pannenberg. O oneramento histórico de sua teologia impossibilita de pensar o tema da revelação sobrenatural de Deus. Isso rendeu a Pannenberg muitas críticas. A solução para a questão parece se resolver no solo de sua antropologia. O que não obteve resposta aqui no acontecer presente da história do ser humano será reservado para a escatologia com o conceito de fim da história.



pessoa humana almeja na teologia cristã vai se realizar para além da história; é na eternidade que ele atingirá a sua condição de imortal, pela Graça salvadora de Deus<sup>62</sup>.

Para o cristianismo, a transcendência se dá na presença do Absoluto como existência. Em lugar de ascensão da alma ao Absoluto, como fora traçado pela metafísica, caracterizando a ideia suprema, há a descida do Absoluto como existência<sup>63</sup>, efetuando na história a resposta conciliadora ao dilema da existência humana. Ao descer pelo evento real da encarnação (acontecido na história), revela-se uma resposta definitiva aos anseios humanos, acenando para o fim da criação. É no paradoxo antropológico, em que o ser humano situado no tempo e no espaço como sinais de sua contingência, que se abre o horizonte da dialética finito-infinito. O Verbo encarnado é para a pessoa a revelação de sua transcendência existencial<sup>64</sup>, e desse modo o mistério humano se vê iluminado pela luz do *Logos* de Deus que se faz história, encarnando-se nela para elevá-la à categoria de divina<sup>65</sup>.

<sup>62</sup> Cf. *Ibid.*, p.487. O pensamento de Hegel apresenta um modelo de pessoa que se realiza na história, mostrando um espírito da história que parece ser conceituado de forma diferente do Espírito de Deus da tradição cristã. Para Schleiermacher tal ideia já é resolvida com a apresentação de Jesus Cristo, que institui uma nova vida, “vida total” de uma nova sociedade, já não corrompida pelo pecado.

<sup>63</sup> Num contexto, mais filosófico que teológico, HENRIQUE C. L. Vaz. *Atropologia Filosófica I, II e III*, São Paulo: Loyola, obras citadas na bibliografia geral; expõe com a mesma profundidade de Pannenberg, a construção histórica dos conceitos ligados à transcendência humana e a elaboração cultural dos mesmos. O autor navega pela antropologia, demonstrando o vasto e profundo itinerário da reflexão sobre a temática da transcendência. De forma complexa, porém clara, Lima Vaz recorda, desde o alvorecer da filosofia até os dias atuais, o evoluir do conceito de transcendência, demonstrando que o desfecho da mesma é o encontro do ser humano com o Absoluto pela via escatológica cristã. Assim, como Pannenberg, Vaz nunca abriu mão desse valor inalienável que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização ocidental.

<sup>64</sup> A noção de revelação apresentada por Pannenberg foi alvo de vários debates e polêmicas. Não se deve esquecer que logo após a publicação de *Offenbarung als Geschichte* surgiram várias críticas e questionamentos. Dos que apresentaram objeções ao pensamento de Pannenberg, destaca-se O artigo de P. Althaus: *Offenbarung als Geschichte und Glaube Bemerkungen zu Wolfhart Pannenberg Begriff der Offenbarung* In: *Theologische Literaturzeitung (ThLZ)* 87,(1962), 321-330. Neste texto o autor questiona a dimensão de fé e de mistério da revelação. Às questões levantadas por Althaus, Pannenberg responde no seu artigo *Einsicht und Glaube – Antwort an Paul Althaus*, in: *Theologie Literaturzeitung* 88 (1963) 90-121 e os questionamentos feitos por L. Steiger e Günter Klein ele procura responder no epílogo da segunda edição de *Offenbarung als Geschichte*.

<sup>65</sup> A constituição pastoral do *Vat.II Gaudium et Spes*, nº 264, apresenta Jesus Cristo como homem novo, através de uma afirmação muito clara e profunda sobre o tema da Encarnação “Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto de se admirar

## Conclusão

Transcendência e liberdade perfizeram a maior parte desse capítulo. São conceitos de grande valia para entender a abertura do ser humano para o mistério de Deus. É de forma livre e consciente que a pessoa se torna capacitada para receber a revelação divina. Não há dúvida que há quem diga que Pannenberg trata o tema da liberdade, mas não consegue resolvê-lo no universo da teologia, pois a sua abordagem não abre mão da noção clássica do poder absoluto de Deus. Deus é aquele que tudo determina<sup>66</sup>. Mesmo não abrindo mão do poder absoluto de Deus fica evidente em sua teologia um substancial empenho em aprofundar o tema da liberdade, não se recusando a adentrar nos caminhos mais diversos para obter o suficiente aprofundamento da mesma.

Ainda pode-se dizer que a encarnação do Filho de Deus traz ao ser humano um novo caminho de realização como transcendência. Caminho indicado como lugar da realização plena da existência, em que, pela elevação de sua essência ao seu verdadeiro destino de imagem e semelhança de Deus, o ser humano é capacitado para participar do reino de Deus. A realização do reino é o acontecimento da história humana como tal, sendo caracterizada como história universal de salvação, em que a pessoa responde livremente a ela na sua existência, projetando-se para além de seus limites e de sua natureza, de modo a alcançar um estado de perfeição divina. Tal estado chega à sua plenificação na plenitude da história. A história humana não está condenada ao fracasso e ao acaso contingente da finitude, ao contrário, é o lugar da realização do ser humano como imagem de Deus. Isso é possível através de sua abertura a Ele. Esse horizonte de abertura confirma na pessoa, conforme Pannenberg, a natureza religiosa da mesma e a busca da realização plena de um princípio que é natural na pessoa. O próximo capítulo dedicar-se-á mais exclusivamente à temática da abertura humana e de sua relação com Deus através de Jesus Cristo.

---

que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice. Ele é o homem perfeito que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina”.

<sup>66</sup> McKenzie, David. Pannenberg on God and Freedom. In: *The Journal of Religion*, vol.60, nº.3, 1960, p.329.